



**CÂMARA MUNICIPAL DE MAUÁ
S.P.**

CÂMARA MUNICIPAL DE MAUÁ

**AUDIÊNCIA PÚBLICA “DITADURA MILITAR: FATOS E
CONSEQUÊNCIAS DAS PERSEGUIÇÕES
REALIZADA PELA COMISSÃO DA VERDADE DO MUNICÍPIO DE
MAUÁ
25 DE ABRIL DE 2014**

PRESIDENTE DA AUDIÊNCIA – VER. WAGNER RUBINELLI

- Às 19h50min, o Senhor Presidente, Vereador Wagner Rubinelli, dava por aberta a presente Audiência Pública -

**O Sr. JORGE SEQUEIRA SANTIAGO CARVALHO –
Mestre de Cerimônia** - Senhoras e senhores, boa noite, sejam bem-vindos a Câmara Municipal de Mauá.

A audiência pública "ditadura militar: fatos e consequências das perseguições" é realizada pela Comissão da Verdade do Município de Mauá.

Compõem a Mesa desta audiência pública as seguintes autoridades: Vereador Wagner Rubinelli, ao centro, presidente da comissão



CÂMARA MUNICIPAL DE MAUÁ S.P.

da verdade do município de Mauá; Edgard Grecco Filho, relator da Comissão da Verdade do Município de Mauá e Ricardo Zarattini, ex-Deputado Federal.

E como extensão da Mesa, ao fundo e à sua direita encontram-se os depoentes: Senhora Maria Júlia Oliveiro Lobo, Senhor Olivier Negri Filho e Padre José Mahon.

À esquerda da Mesa estão localizados a senhora Cássia Rubinelli, Secretária do Meio-Ambiente e o Professor William Puntschart, historiador.

E no plenário encontram-se as seguintes autoridades: a Vereadora Doutora Sandra Regina Viera, o Vereador Jair da Farmácia, o Vereador Ricardinho da enfermagem, a Senhora Celcina Pereira Fernandes, ex-Vereadora e Wilson Carlos de Campos, o Xoxa, também ex-Vereador.

Gostaríamos de agradecer também a presença do Senhor João Paulo de Oliveira, Presidente da Associação dos Metalúrgicos Anistiados do ABC, Cláudio Roberto Rosa, Secretário da Associação dos Metalúrgicos Anistiados do ABC; a Senhora Sandra Portuense, professora e mestre pela PUC; o Senhor Hernando Correa de Oliveira, Secretário-Executivo e membro da Comissão da Verdade de Diadema, representando aqui a Vereadora Lilian Cabreira, que é Presidente da Comissão da Verdade de Diadema.

Agradecemos também a presença da Senhora Eliana Ferreira de Laurentes, Presidente da Comissão de Direitos Humanos, representando o Senhor Fábio Picarelli, Presidente da OAB de Santo André; o Senhor Deli José de Carvalho do Centro de Memória do ABC e da Comissão da Verdade de Diadema, o Senhor José de Souza, Vice-Presidente do CONSEG Mauá-Sudeste; a Senhora Mara Santana e o Senhor Getúlio Miguel de Souza.

Agradecemos também a presença da ECO-TV nas pessoas do Senhor Simão Lindolfo e Miguel Negri.

Agora, para a abertura oficial da audiência pública, anunciamos o Vereador Wagner Rubinelli, presidente da comissão da verdade do município de Mauá.

O Sr. PRESIDENTE – Boa noite a todos.

Quero agradecer a presença de todos, senhores e senhoras presentes esta noite na Câmara de Mauá.

Eu, Vereador Wagner Rubinelli, Presidente da Comissão da Verdade do Município de Mauá, declaro aberta a Audiência Pública “Ditadura Militar: Fatos e Consequências das Perseguições.



CÂMARA MUNICIPAL DE MAUÁ S.P.

Quero abrir a palavra agora para o nosso relator da Comissão, o Vereador Edgard Grecco Filho.

O VER. EDGARD GRECCO FILHO - Boa noite a todos.

Em primeiro lugar cumprimentar o Presidente da Comissão Wagner Rubinelli, que como Presidente da Comissão de Justiça da Câmara tem tido a sabedoria de mexer realmente com as coisas que aconteceram na nossa vida e que foi importante, haja vista que a liberdade de expressão, hoje eu posso aqui externar todo o sentimento que eu tenho em relação a este mundo em que a gente vive, mas ao mesmo tempo aqui reforçar ao companheiro Wagner Rubinelli que tem sido muito feliz em suas iniciativas.

Já fez audiência em defesa dos animais, está propondo várias audiências que são importantes para fazer com que a sociedade de Mauá tenha a consciência da importância que é o resgate destes companheiros que estão aqui hoje, que, eu só posso estar aqui porque nós tivemos companheiros que fizeram um movimento de luta em defesa desta liberdade de expressão, da liberdade de ir e vir.

A minha passagem como militante dos movimentos organizados no ABC, em especial na minha cidade, ela teve uma pessoa muito importante.

Algumas pessoas que eu quero citar aqui que fizeram com que eu, como político, em 1976, com 24 anos de idade, eleito pela Arena, na época era o Arena e MDB e depois o saudoso Teotônio Vilela foi um grande... De arena de vanguarda, tenho até um livro autografado dele e, apareceu na minha vida, já o conhecia, porque nós crescemos juntos, o Olivier Negri Filho.

O Olivier, nos movimentos de luta falou: “Edgard, eu acho que o papel na política é importante, você como jovem tem que começar a participar dos movimentos de luta”.

E eu abracei a causa e ganhei consciência política dentro dos movimentos organizados.

Fugi do DOPS, levei prensa de general, camuflava a chapa do carro oficial da Câmara para ir buscar mantimento no fundo de greve de Santo André, trazia aqui para a igreja Matriz.

Tive uma experiência muito rica com o José Carlos, com o Getúlio, a Gilda, com a nossa companheira Julia, mas o Olivier, se eu tenho hoje esta postura crítica que nós precisamos lutar por uma justiça social do nosso país, porque nós engatinhamos ainda nesta democracia.

É inconcebível ver estes monstros sagrados que fizeram com que nós tivéssemos esta liberdade, hoje ainda vemos pessoas que se



CÂMARA MUNICIPAL DE MAUÁ S.P.

intitulam de esquerda, mas alimentando o capitalismo que existe em nosso país.

É lamentável você ver pessoas como o Olivier, Gasparine, como tantos companheiros presos, torturados, mortos, ver hoje os avanços que teve, mas que ainda está faltando muito.

Eu falei para a dona Celcina, Vereadora, que o primeiro movimento no Parque das Américas para as melhorias que tiveram no Parque das Américas, foi em 1978, a Dona Celcina e a Diva pediram um caminhão, nós arrumamos este caminhão e elas começaram a fazer um movimento muito forte.

A igreja tinha um peso muito importante na vida social da cidade e eu me lembro exatamente o que aconteceu, de repente eu estava dentro do estádio da vila Euclides, de repente eu fui naquela famosa passeata no 1º de Maio, de repente eu estava dentro do gabinete do Tito Costa com o Dom Cláudio, Lula e vários companheiros lá que foi uma repressão, que criou uma tensão na época.

E eu via naquilo lá, realmente aquele movimento me inspirou realmente a fazer acreditar que só de forma coletiva é que vamos transformar esta sociedade.

Por isso hoje eu tenho feito exercício da minha fala, uma chamada da reflexão para saber se realmente estamos cumprindo o nosso papel.

O centralismo do poder tem brecado o desenvolvimento dos municípios e as políticas sociais.

É inconcebível você saber que uma cidade como Mauá onde o PIB das indústrias, da riqueza que circulou em nossa cidade foi na ordem de 10 bilhões de reais e você terem 16% da população da cidade, 67 mil, 221 pessoas na nossa cidade ainda vivendo num estado de vulnerabilidade.

Eu tenho e espero e uma das boas coisas que estão acontecendo neste momento crítico e de reflexão na nossa vida política, é fazer com que estas pessoas que contribuíram para que nós estivéssemos aqui, que é um grande marco das transformações que podem acontecer em nosso país e cidade, é saber que pessoas que foram presas e torturadas – está aqui o companheiro Chico – de saber que estas pessoas ainda têm no sentimento de luta deles esta vontade de saber que esta vida é para todos. E para isso nós temos que buscar esta redistribuição tão dita e que não acontece na nossa cidade.

Vejo, infelizmente, Gasparine, mas é um testemunho de coração, que nós precisamos avançar e fazer com que a classe política, que não é a classe, mas que os políticos que detêm o poder em nosso país, que eles comecem a fazer realmente a lição de casa para aquilo que vocês lutaram e que, lamentavelmente, nós estamos engatinhando.



CÂMARA MUNICIPAL DE MAUÁ S.P.

Não falo do PT, não falo do PSDB, muito menos do PCdoB, mas falo com um sentimento de que nós que temos esta vontade de fazer as mudanças acontecerem, nós que persistimos no sonho de saber que tem que mudar realmente, onde o foco principal é a valorização do trabalhador de nossa cidade e do nosso país e fazer a lição de casa.

Então, eu não que me alongar, porque nós temos aqui a importância maior que são os convidados que estão aqui, Rubinelli, mas eu agradeço esta deferência que você me deu aqui, porque eu lutei, eu vivi, eu acreditei e continuo acreditando nas pessoas; mas que nós temos que repaginar, repensar a nossa vida e a nossa atuação, eu sinceramente dou este testemunho não como crítica, mas como uma reflexão porque é importante você parar.

É tanto envolvimento que acontece e é tanta rapidez que está acontecendo via mídia social, como todo mundo fala, que nós estamos perdendo a essência da nossa vida que era aquelas 04, 05 pessoas se organizando para poder buscar estas transformações sociais.

Então vamos dar um basta a esta rapidez e vamos realmente pensar aquilo que é importante para nós.

Portanto, a minha participação foi pequena em relação a estes monstros que hoje estão aqui e que realmente fizeram com que a coisa acontecesse, Olivier.

Me curvo a você, à Júlia, a Gilda, ao Gasparine, a Dona Diva, ao Padre José, ao Getúlio, ao Chico, a estes companheiros que fizeram verdadeiramente aquilo que todo mundo buscou em sua vida e que, infelizmente, devemos começar a repensar e redistribuir a riqueza de nosso país, que é assim que uma sociedade cresce.

Muito obrigado.

(Aplausos)

O Sr. PRESIDENTE – Quero registrar e agradecer a presença da Senhora Gilda Fioravanti da Silva, da Senhora Rafaela Quintino, professora da Faculdade Fama, quero agradecer também a colaboração para realização deste evento e também a presença da Senhora Vanderly Carvalho Monteiro Ostorino.

Quero, agora, passar a palavra para o professor William Puntschart que vai fazer uso da palavra por 05 minutos sobre a importância da Comissão da Verdade e sobre a atividade de hoje.

Com a palavra o professor.



CÂMARA MUNICIPAL DE MAUÁ S.P.

O PROFESSOR WILLIAM PUNTSCHART - Boa noite

a todos e a todas.

Agradecer o convite e em nome do Padre José Mahon gostaria de cumprimentar todas as autoridades.

É um privilégio, uma honra ter o Padre José Mahon aqui com a gente nesta noite.

Convido, inicialmente, todos a pesquisar um pouco sobre a história de Mauá, e aqui nós temos a história viva de Mauá: Padre José Mahon, Olivier, Dona Celcina, Dona Júlia.

Mas, pensando nesta noite, eu queria dividir a minha fala em dois momentos. No primeiro, elencar alguns fatos sociais, políticos da luta de Mauá antes do regime militar e, num segundo momento, propor algumas questões para nossa reflexão.

Antes, porém, gostaria de dizer que eu sou o Professor William Puntschart, sou concursado da prefeitura desde 92 e a partir de 2009 sou responsável pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico, Arqueológico e Turístico de Mauá, cuja função é de preservar, catalogar, inventariar e propor para o Prefeito o tombamento dos bens culturais.

Entre os quais, eu gostaria de citar a casa na Praça 22 de Novembro, que foi a Casa dos Autonomistas que há a intenção da Prefeitura de preservá-la e ali se tornar o centro de referência das lutas políticas de Mauá.

Esta é uma batalha que o Conselho de Defesa já está propondo para a Prefeitura, para que esta casa, que fica aqui próxima ao correio na Praça 22 de Novembro, se torne um centro, um memorial destas lutas que ocorreram em Mauá.

Entre estas lutas, historicamente, numa perspectiva histórica, eu gostaria de ressaltar primeiro, as que ocorreram nas décadas de 10 e 20 pelos canteiros ou cortadores de pedras, também chamados de escarpelinos, que tinham principalmente a filosofia anarquista, os irmãos Zanela, que defendiam os interesses dos cortadores de pedras, que era a principal extração, a principal atividade econômica, na época - italianos - e devido a esta greve foram deportados.

Esta atividade econômica era tão importante para Mauá que o primeiro prefeito, Índio Branca Lion, também cortava pedras, diga-se de passagem, numa época em que o exercício de Vereador e de Prefeito não era remunerado.

Ainda com relação à luta sindical, nesta perspectiva histórica, eu gostaria de lembrar do Sindicato dos Ceramistas, que foi criado em 1957, em que Mauá era a capital nacional da porcelana.



CÂMARA MUNICIPAL DE MAUÁ S.P.

Já na década de 60 é criado o Sindicato dos Trabalhadores na Distribuição e Refino de Petróleo de Mauá.

Fizeram 02 importantes movimentos. Em 62 quando ainda a refinaria era União e não a Recap, fizeram uma greve pretendendo equiparar os seus direitos aos trabalhadores da Petrobrás.

Entre estes direitos está a jornada de 06 horas de trabalho e estabilidade após 02 anos.

E a segunda greve foi em 1963 com a qual propunham a encampação pelo governo de João Goulart.

É interessante a gente observar que na época que o Jânio Quadros foi eleito o vice não vinha na mesma chapa, então o vice de Jânio Quadros não foi escolhido por Jânio Quadros, foi escolhido pela eleição, que foi João Goulart, que tinha toda a herança de trabalhismo de Rio Grande do Sul.

Com o golpe de 64 – eu estou falando da greve dos petroleiros de 63 – o que o João Goulart propunha nas reformas de base não pode ser efetuado, então os petroleiros não conseguiram que a Recap, que a Refinaria União fosse encampada pela Petrobrás.

Esta greve teve seus dirigentes presos e o Sindicato invadido pelo Exército.

Entre as lutas religiosas em Mauá, antes do golpe, é importante que a gente cite também, a questão da Juventude Operária Católica, da qual irão surgir vários quadros, tanto para a igreja católica, quanto para a Ação Popular e para o Partido dos Trabalhadores e outros partidos de esquerda.

Em Mauá iniciaram as suas atividades em 1940, na área onde hoje está a Santa Casa.

Ali o Padre Eduardo Batista convidou um artista romeno para pintar o interior da capela, que até hoje existe, é a Capela Cristo Rei, no interior da Santa Casa e que é remanescente desta época da Juventude Operária Católica.

Com o Governo do Ele Bernardi há a intenção de que fosse construído um hospital e aí a desapropriação, evidentemente tem um caráter político aí, de desapropriar toda a área da JOC, retirando, então..., só ficando da JOC o remanescente da capelinha, que vale a pena ser visitada às quintas-feiras à tarde, que tem missa lá aberta ao público.

Infelizmente, para nós adentrarmos na capela nós precisamos passar pela UTI da Santa Casa.

Ele Bernardi e Luiz Alesina e mais 05 votaram contra a emancipação de Mauá no plebiscito de 22 de novembro de 1953, que é a data da nossa independência, que, aliás, deveria ser a data de aniversário da cidade e não 08 de dezembro como foi proposto por esta Casa, quando o



CÂMARA MUNICIPAL DE MAUÁ S.P.

então Presidente da Câmara, ligado ao PDC, muda a data de aniversário da cidade. Mas esta é outra questão.

Eu estou lembrando, então, historicamente das lutas políticas, religiosas, sindicais, que ocorreram em Mauá antes do golpe, porque para falar sobre o golpe nós temos pessoas aqui muito mais capacitadas.

Nós temos também nestas lutas a organização popular, tanto da Sociedade Amigos de Bairros, quanto da Associação das Donas de Casa do Parque das Américas, que foi a Diva Alves que levou à frente, principalmente lideradas, impulsionadas no Parque das Américas pelo Padre José Mahon, junto com a Dona Celcina, e no Zaíra o Sabajasak - lembrar também a figura do Padre Praxedes, juntamente com o Padre Elias Belisário, Padre Belisário Elias de Souza, que é o nosso Cônego Belisário, que a gente só conhece da Igreja Matriz, mas que atuou muito ali no Zaíra junto com o Padre Praxedes na organização.

A luta política nós temos que destacar Olavo Hansen, Raimundo Eduardo de Souza e Francisco Seiko Okama, cujas histórias já estão devidamente recuperadas.

Favor, concluir... Antes eu gostaria de propor 05 questões para a nossa reflexão, a primeira: que o golpe militar não foi só um golpe militar, foi um golpe civil, civil-militar contra o Estado.

Segundo, o caráter cíclico e frágil da nossa democracia.

Se nós olharmos ao longo do século 20, nós teremos os seguintes períodos da democracia em nosso país: de 32 a 37, depois do governo do Estado Novo de Getúlio Vargas, de 46 a 64, o golpe militar e vivemos hoje a democracia de 85 até...

Segundo, que temos que entender o golpe não em si, mas no contexto internacional, nacional e interno.

Nós vivemos a nível externo o fim da guerra fria, a Revolução Cubana de 59 e já o surgimento das ditaduras militares em toda América *Latrina*.

E em nível interno, a aliança dos militares com os empresários, a Rede Globo, o Estadão, o Grupo Ultra.

Os tenentes de 22 vão ser os generais de 64.

E é aquilo que o (*inaudível*) chama de aparelhos privados de hegemonia, o papel fundamental exercido pelo Instituto de Pesquisa de Estudos Sociais e o Instituto Brasileiro de Ação Democrática, que são intelectuais, hegemônicos da classe dominante que propagavam a idéia do golpe.

Enfim, para a nossa reflexão, devemos ou não avançar na Lei da Anistia?

Esta é uma questão que... Morto não é desaparecido.



**CÂMARA MUNICIPAL DE MAUÁ
S.P.**

Questões não respondidas, porque a tortura não é simplesmente um crime, a tortura é um crime contra a Humanidade.
Muito obrigado e boa noite.

O Sr. PRESIDENTE – Vou agradecer o Professor William e eu quero agora passar a palavra para o ex-deputado federal Ricardo Zarattini para que também faça as suas considerações.

O EX-DEPUTADO FEDERAL RICARDO ZARATINI – Eu gostaria de, inicialmente, dizer que me sinto muito honrado pelo convite da Câmara Municipal e, particularmente, a todos os Vereadores que aprovaram este requerimento muito importante da criação da Comissão Verdade num dos municípios em que tivemos uma das maiores tradições de luta de nosso povo, que é esta cidade de vocês, de Mauá.

Eu queria agradecer, então, à Câmara, particularmente ao Vereador Rubinelli, que nós estivemos juntos na Câmara Federal quando eu me tornei Deputado Federal e assim foi que o Rubinelli me conheceu.

Eu queria dizer a vocês que também assim conheci vítimas da Ditadura, fui colega antes de 1962, do Olavo Hansen.

O Olavo Hansen estudou na escola politécnica, mas não completou o curso e aí, apesar de já participar ativamente das lutas antes do golpe, eu consegui, às duras penas, terminar o meu curso de Engenharia.

E o Olavo Hansen, naquela época, não tinha a multiplicidade de organizações de esquerda que tem hoje, mas naquela época o Olavo Hansen era um adepto do *socicismo* que na época chamava-se *socicismo forjadista*, porque havia um teórico da classe internacional que se chamava (*inaudível*) internacional forjadista.

E Olavo Hansen encontrava comigo, um companheiro de diálogo apesar de eu ser naquela época uma militância do antigo partido brasileiro, porque a minha formação foi (*inaudível*) e também eu era comunista.

Então, eu me lembro bem que eu tentava moderar o Olavo Hansen, mas ele era bem mais radical do que a minha pessoa e eu só tomei conhecimento do assassinato dele, quando em 1975, eu vinha da clandestinidade, que eu estava aqui em São Paulo, li em alguns jornais e vi lá que o Senador Franco Montoro, do antigo MDB, havia feito um (*inaudível*).

Durante a ditadura havia só 02 partidos, vocês lembram bem. Não lembram porque vocês são muitos jovens, aqui os únicos coroa sou eu e o Padre José. Mesmo o Olivier é bastante jovem em relação à



CÂMARA MUNICIPAL DE MAUÁ S.P.

minha pessoa, mas ele foi um companheiro que abrigou vários companheiros da antiga Ação Popular, inclusive o Betinho, o irmão do Henfil, era uma das pessoas que foi um grande dirigente da Ação Popular.

E (*inaudível*) e já o Padre José que é francês e tinha experiência na França, dos padres operários, o Padre José trabalhou (*inaudível*).

O Hebert de Souza vivia... São estudantes e eles queriam viver a vida proletária, a vida operária, então, ser transformado e entrar na fábrica e ele deu um exemplo que vocês vão saber aqui detalhadamente pelo Padre José.

Isso ele me contava quando estivemos juntos (*inaudível*).

Enfim, para conhecimento rápido de vocês antes de eu ser deputado, quando eu era ainda muito jovem, estudante secundarista em Campinas, eu participei ativamente da campanha do “Petróleo é Nosso”, que resultou em 06 de outubro de 1952 na criação do monopólio estatal do petróleo através da Petrobrás.

Aí eu tive a minha primeira prisão.

Uma prisão que, naquela época, não era ainda ditadura militar, deu até um ibope com as companheiras estudantes do meu colégio, porque a gente era muito jovem, eu tinha 16 anos.

Mas meu pai e minha mãe que não tinham nada a ver com política, o meu pai era um pedreiro especializado em fazer frente de prédios, que antigamente tinha isso e a minha mãe era costureira das madames da cidade de Campinas.

Então, aí, quando eu não chegava em casa, eles saíam para me procurar e aí o meu pai me encontrou na delegacia e o delegado falou: “Como o senhor deixa o seu filho nas mãos dos comunistas, fazendo essa luta do petróleo é nosso e tal”.

E o meu pai me levou pra casa, me deu 02 cascudos e falou: “Você não se meta mais em política!”. E acabou que não serviu o conselho dele e daí pra frente, cada vez mais eu me meti em política.

Vim para São Paulo, fiz um curso na Politécnica, fui Presidente da União Estadual dos Estudantes, agitava dia e noite, estudava e acabei até casando, isso moço, na minha vida isso antes do golpe.

Mas eis que surge o governo de João Goulart, eu já formado, trabalhava na COSIPA e era o único engenheiro sindicalizado do Sindicato dos Metalúrgicos da Baixada Santista na cúpula 9.164.

Isso na época era um escândalo.

E naquela época o João Goulart era uma pessoa que lutava muito pelas reformas de base e não apoiava como o partidão apoiava, mas também apoiava, mas não apoiava com muita convicção as chamadas



CÂMARA MUNICIPAL DE MAUÁ S.P.

reformas de base: a reforma agrária, a reforma na educação, enfim, várias questões que ainda (*inaudível*) no Brasil essencialmente naquela época.

E aqui, me perdoe o professor William e os outros companheiros, naquela época se inaugurou uma sementinhazinha, de certa, bem no período ditatorial, se no governo João Goulart a política externa independente.

Havia a guerra fria, mas João Goulart falou: “Não, o Brasil vai fazer uma política soberana”. E nunca foi favorável às intervenções que os Estados Unidos fizeram em cima das tentativas de derrubar Fidel Castro.

Bom, aí então, ocorreu que veio para o Brasil um embaixador norte-americano, Lincoln Gordon, que, junto com o seu amigo militar, Vernon Walters, que havia sido diretor da CIA organizou uma facção só de militares, que havia duas alas de militares, a ala democrática e nacionalista e a ala que era francamente favorável aos Estados Unidos.

Então, o que ocorreu naquela época, foi exatamente isso, eles organizaram o golpe, inclusive as (*inaudível*), isso está comprovado historicamente, organizaram a operação (*inaudível*), tinham porta-aviões, armas e se houvesse resistência ao golpe militar, eles iriam desembarcar navios aqui no Brasil e iriam sufocar, como fizeram mais tarde, sufocaram uma tentativa de resistência ao golpe na República Dominicana.

Aí foi dado o golpe, mas foi um golpe dirigido pelos Estados Unidos e apoiado pelas forças internas conservadoras.

Quem eram os conservadores?

Eram os grandes proprietários rurais.

Imagem, vejam só: o João Goulart aprovou o Estatuto do Trabalhador Rural.

Foi uma coisa... O João Goulart iniciou uma reforma muito grande na questão da moradia, da habitação e depois da administração e aqui em Mauá, ele fez um decreto, antes de ser derrubado, que depois foi revogado pela ditadura, estatizando a refinaria (*inaudível*) que havia aqui.

Então, realmente ele foi um Presidente que tinha um programa muito grande.

Mas houve esse conluio entre as forças externas, as forças empresariais – até foi citado muito sinceramente o (*inaudível*) – que financiou as eleições de 62 e foi feita até uma CPI, lá no Congresso, e o que ocorreu então foi que, ao lado dessas forças, havia a mídia, a mídia aliada às forças empresariais e dia sim, o outro também, fazia a campanha mediática, muito forte, sobre a ilação de que o governo Goulart era um governo comunista, denominado pelo comunismo, o que não era verdade.

Era um governo reformista e sendo um governo reformista, ele queria tornar o país mais capitalista.

Nós, recentemente, assistimos uma coisa igual.



CÂMARA MUNICIPAL DE MAUÁ S.P.

Teve um governo aqui, um governo do Partido dos Trabalhadores, em que o Presidente Lula e seu Ministro da Fazenda colocaram em prática uma série de medidas que melhorou a vida dos trabalhadores, particularmente dos mais pobres.

Mas, ao mesmo tempo, ele tem um apoio grande aos capitalistas e o Brasil que em 2002 tinha 02 milionários, 02 homens de fortuna que eram milionários, hoje tem 67 milionários.

Então, o que ocorreu foi que desenvolveu um capitalismo, um crédito consignado, com juros ainda muito altos, mas as iniciativas foram... E o João Goulart queria isso também. Havia essa... E aí, um golpe naquela época, era um golpe truculento, era um golpe truculento.

A mídia mobilizou os militares e deu um golpe, deu um golpe.

Eu passei para a clandestinidade, fui fazer – influenciado pelo exemplo de Cuba – fui tentar fazer uma guerrilha no nordeste. Foi feio.

Em 1968 fui muito torturado lá, mas como eu trabalhava e organizava os camponeses, eu consegui, depois de ser torturado lá, eu consegui falar com soldados e cabos, onde eu que estava preso no quartel... O soldado queria ser cabo, aí tinha que fazer uma provinha para ver a aritmética e o português.

Eu (*inaudível*) da aula de aritmética e português.

E o cabo queria ser sargento e também fazia isso.

E aí (*inaudível*) e quando a Aeronáutica me procurou e prometeu que iria colocar um tronco de árvore amarrado e me jogar ao mar, como jogados dezenas e centenas de companheiros nossos e desapareceram durante a ditadura militar, mas que foram exatamente mortos na tortura (*inaudível*) jogados ao mar.

Recentemente houve um militar que denunciou isso abertamente e com uma frieza muito grande e eu, antes de vir aqui hoje, estava lendo o tablet e esse tablet anunciava que esse Paulo Malhões havia sido ontem morto, sufocado.

Aí eu não posso provar, não posso fazer acusação sem prova, mas pode ter sido o que restou destes militares radicais, esses Bolsonaro da vida, que resolveram utilizá-lo como exemplo para nenhum outro militar vir a depor sobre os crimes da ditadura.

O que mais nós queremos é a verdade e se hoje essa Comissão da Verdade... Há um pessoal que fala: “Ah não, já tem uma comissão da verdade nacional, já tem uma comissão da verdade estadual, tem essa no município de Diadema, que é similar também, tem essa outra em outra cidade, tem no Rio de Janeiro, tem em Pernambuco”.



CÂMARA MUNICIPAL DE MAUÁ S.P.

Olha, eu digo a vocês: que as comissões da verdade se multipliquem em todos os cantos do nosso país, especialmente em cidades que têm um povo tão combativo, como sempre foi esse povo de Mauá.

Então, eu acho que merece isso, porque os exemplos dos depoentes que nós temos aqui, a Julia, o seu falecido pai, o nosso Padre José, mais o Olivier, são pessoas da maior lisura, pessoas que mais batalharam no passado para construir essa sociedade nova, que nós queremos.

Eu quero dizer que dar aula lá a esses sargentos, a esses cabos e soldados, eu consegui me evadir, fugir, para não ser morto pela Aeronáutica.

Quem me abrigou, eu tenho que falar claramente assim. Eu fiquei 01 mês e meio no Convento das Dorotéias, porque um santo.. Eu acho... Olha, eu sou marxista, não me confesso no catolicismo, mas reconheço que Dom Hélder Câmara me abrigou no Convento das Dorotéias para que eu não fosse preso de novo pela ditadura.

Vim para São Paulo, em São Paulo me uni junto com os companheiros, Marighela, da Ação Libertadora Nacional e aí nós já começávamos a ativar várias ações e aí o Marighela falou: “Você está se movimentando muito, você vai acabar caindo preso de novo”.

Caí preso, fui torturadíssimo, mas felizmente veio o sequestro do embaixador norte-americano que não foi o embaixador que me fez (*inaudível*) e eu fui um deles.

Passei em Cuba, passei no Chile, voltei clandestino ao Brasil e fui ser novamente preso 1964, organizando o movimento operário e fui preso em 68 e saí com anistia em 69.

Aí, companheiros, eu quero dizer, então, que só depois disso eu virei (*inaudível*) tornar Deputado no ano de 2002, quando o Rubinelli também foi Deputado.

Então, eu quero dar esse depoimento para dizer a vocês, para finalizar: que nós tivemos uma grande derrota dos trabalhadores, do movimento sindical, das forças progressistas, em 1964. Foi feita intervenção em muitos, milhares de sindicatos rurais e sindicatos urbanos.

Vários companheiros foram mortos e aí nós iniciamos a resistência armada, essa resistência armada se afirmou depois de 1969.

Eu já vou terminar... E aí nós tivemos o problema, que eu gostaria de agradecer aqui a todos os companheiros, porque eu estava em 68 na clandestinidade e houve a greve da Scania, a primeira greve promovida com a (*inaudível*) de fábrica, que foi em 06 de maio de 1968.

Em 31 de maio fui novamente preso, mas naquela época a resistência armada já estava praticamente dizimada pelos crimes da ditadura.

E aí aquela mesma classe operária, aqueles mesmos trabalhadores que foram derrotados em 64, foram vitoriosos, porque se não



**CÂMARA MUNICIPAL DE MAUÁ
S.P.**

fosse aquele ano de mobilização dos trabalhadores em greve, a ditadura não tinha amenizada.

E aí Mauá teve uma participação intensa.

Muito obrigado, companheiros.

Estou à disposição de vocês.

Obrigado.

(Aplausos)

O Sr. PRESIDENTE – Bom, nós é que agradecemos, Deputado Ricardo Zarattini.

Hoje, senhores e senhoras, é uma noite de heróis e heroínas. Se nós estamos hoje aqui reunidos, se vocês podem hoje estar aqui, é porque nós vivemos num regime democrático que não existia antes, que foi preciso que nós tivéssemos pessoas como o Ricardo Zarattini, como a Maria Júlia, como o Olivier Negri, como o Padre José Mahon, como a Gilda, como tantos outros, a Dona Celcina, vários de vocês que estão aqui, que lutaram, para que muitos pudessem estar aqui esta noite, para que nós tivéssemos democracia neste país.

Eu quero agora, antes de passar a palavra para os três depoentes dessa noite, que são, assim como o Ricardo Zarattini e como muitos de vocês, verdadeiros heróis e heroínas da democracia, eu quero passar um vídeo muito curtinho da comissão da verdade nacional, mas que mostra o que foi aquele período nebuloso em que a nação brasileira passou, o que foi a tortura e a política do ódio por parte dos militares.

(Nota da Taquigrafia: Neste momento é feita a exibição de um vídeo da Comissão da Verdade Nacional).

O Sr. PRESIDENTE – A cidade de Mauá fez parte desse momento, também teve heróis e heroínas e a Comissão da Verdade agora convida a senhora Maria Júlia Oliveira Lobo para que se sente aqui à Mesa ao lado do relator e a Júlia que tem uma história de luta em prol da democracia, ela vai agora falar para nós durante 20 minutos, ela vai tentar resumir toda uma história de luta em prol da democracia e que muito orgulhou a cidade de Mauá.

A senhora tem 20 minutos, é claro que de forma flexibilizada, mas a senhora tem a palavra agora.



**CÂMARA MUNICIPAL DE MAUÁ
S.P.**

Muito obrigado por a senhora estar aqui esta noite conosco.

A SRA. MARIA JÚLIA OLIVEIRA LOBO – Obrigada,
Wagner.

Agradeço a atenção de todos.

Quero agradecer pelo convite e dizer que depois do filme, gente, a emoção é muito maior, o coração fica aqui.

Parabéns aos Vereadores pela iniciativa da criação dessa Comissão. É de muita importância.

Eu queria reforçar apenas que precisa muita coisa a ser feita para se chegar ao finalmente dos objetivos desta Comissão.

Eu queria pedir desculpa para aqueles que já ouviram, mas é a história da minha vida e eu não tenho duas, eu tenho uma e é ela que eu vou repetir hoje.

O meu nome é Maria Júlia de Oliveira Lobo e tenho 62 anos. Fui presa em dezembro de 1970, junto com outros muitos amigos da Ação Popular aqui da nossa cidade, especificamente no Jardim Zaíra.

Eu fui presa no escritório de contabilidade Barão de Mauá, que ainda existe na cidade, que é de propriedade de uma pessoa muito conhecida: Dárcio Antônio Leardini.

Eu queria, eu reforço o meu agradecimento ao Chico Bezerra que está aqui presente – meu amigo – ao Cido Faria, do Centro de Memória de Santo André, pelo apoio e pela cobrança constante para que eu fizesse um relatório da minha vida. Se eu fiz... E também ao Olivier Negri Filho, que sempre diziam que eu precisava ser mais incisiva nas minhas declarações.

Então, eu agradeço a eles.

Já foi dito, mas não custa reforçar: muitos brasileiros morreram, particularmente aqui na nossa cidade, o nosso amigo Raimundo Eduardo da Silva, militante da Ação Popular. Jovem, estudante, negro, aos 22 anos de idade.

Ele foi levado ao hospital de Santo André para as dependências do DOI-CODI em São Paulo, onde foi barbaramente torturado, morto e enterrado como indigente. Tendo ele família, tendo ele – inclusive – o senhor Hélio, irmão dele aqui presente.

E quantos brasileiros morreram... Quantos passaram pelas mesmas torturas, sevícias, arbitrariedades... E com um agravante: eles, militares, continuam ainda aí, pedindo também para serem anistiados.

Resta saber o que nós vamos ter daqui para frente.



CÂMARA MUNICIPAL DE MAUÁ S.P.

Vamos esperar para ver eles virem na televisão, dizer que foram anistiados, que foram perdoados por todas as atrocidades que cometeram.

Eu perdi meu emprego, professor Willian. Eu trabalhava na Porcelana Mauá. Eu entrei em dezembro de 1967 e fui demitida em maio de 1968.

Por quê?

Porque eu ajudei na organização do primeiro de maio de 1968 em São Paulo, aquela maravilha que passou ali no telão.

Meu segundo emprego foi num escritório imobiliário aqui também na cidade, pertinho.

Coincidentemente esse escritório é próximo do Colégio Barão de Mauá, desculpe, do Therezinha Sartori, onde estudávamos na época.

Tivemos uma greve intensa contra o uso de uniformes.

Pode parecer pequeno.

“Nossa, brigar por causa do uso de uniforme?”

Mas para nós, trabalhadores, que saíamos de casa às 6 da manhã e voltávamos à meia-noite, era muito ter que usar o uniforme à noite.

Todos saíam com uma sacola com uniforme, uma sacola com o material, uma sacola com uma marmita, porque todos eram operários.

E aí nós começamos esta luta intensa no colégio e de repente o colégio parou. Foi um movimento espetacular, foi uma vitória.

Nós conseguimos livrar os alunos da obrigação de usar uniforme. Isso porque todos saíam de manhã com uniforme, marmita, bolsa e a sacola do material.

Meu pai.

Meu pai, como o Deputado já disse, que ele conheceu o senhor José Joaquim de Oliveira.

Ele foi detido também na mesma data e fomos todos levados para São Bernardo e depois para o DOPS, DOI-CODI, Operação Bandeirantes.

Eu sofri na pele as atrocidades do regime militar, juntamente com o meu pai. Por quê? Primeiro porque o meu pai era o líder do Partido Comunista Brasileiro com muita honra. Era aquela figura que os militares queriam para “descer a mão” mesmo, para provar o que eles diziam que fariam.

Meu pai foi alfabetizado no ano de 1956, na cidade de Jaboticabal.

Ele levou quase 30 anos para aprender a ler e a escrever, com muito esforço e dedicação, que fez dele um autodidata. É aquele



CÂMARA MUNICIPAL DE MAUÁ S.P.

profissional, é aquela pessoa com instrução sem tampouco ter ido para a escola.

O que era o DOI-CODI?

O DOI-CODI era o verdadeiro inferno.

Como bem disse a Presidente Dilma Rousseff, no episódio do diplomata Eduardo Sabóia, quando ele trouxe para o Brasil o Senador Boliviano, Roger Pinto Molina, abrigado por 15 meses na embaixada brasileira na Bolívia. Dou-me pois o direito de restringir somente a esta fala da Presidente, visto não serem necessários detalhamentos das torturas que por certo são de conhecimento de todos aqui.

Em diversos momentos de acareação entre mim e meu pai foi-nos colocada em cheque a nossa fé cristã. Eu sou católica apostólica romana. *Onde* pedi, sim, “pelo amor de Deus”, por muitas vezes, que eles parassem com as atrocidades que cometiam comigo e com meu pai. E com zombaria deles.

As perguntas eram inúmeras: “Onde está o seu Deus? Chama por ele agora, para que venha salvá-los!”. “Estão esperando, vamos, vamos, vão esperando, vão logo!”. “Cadê o seu Deus que não vem tirá-los daqui?”. “Velhos Comunistas!” e desculpe: “Filhos da puta!”. E etc. etc. etc..

Isso tudo no meio de zombaria deles.

Além disso, tivemos que conviver com o deboche dos militares do DOPS, pois quando fomos presos, nós fomos tachados como a “ralé de Mauá” (inaudível).

É difícil relembrar destes fatos, porém tenho certeza absoluta de que contribuímos e muito para a democracia e liberdade que hoje nós temos.

Hoje todos têm o direito de ir e vir, reclamar, protestar, contestar, votar e ser votado. Enfim, a liberdade que hoje temos, custou muito caro, custou muitas vidas, muito sofrimento, muitas arbitrariedades, que só quem viveu sabe o quanto custou.

Tenho, sim, que agradecer à Deus que me permitiu ainda estar viva para contar a todos, denunciar e pedir para que constem todos os nossos relatos nas mais altas esferas do nosso país, afirmando diante da nossa vivência, o quanto os militares foram arbitrários e truculentos e que causaram tanto mal a tantas famílias.

Minha inspiração principal, quando eu falo da fé cristã, está no Frei Beto – Carlos Alberto Libânio Cristho – com quem me identifiquei imediatamente após a leitura de seu livro “Batismo de Sangue” e aí, eu tive coragem de escrever, talvez de uma forma mais correta, mais clara, do que os relatos anteriores.

Eu tenho uma carta recebida do Frei Beto, quando do falecimento de minha mãe – Marcelina Maria da Silva Oliveira – que diz



CÂMARA MUNICIPAL DE MAUÁ S.P.

assim: “Meu querido Joaquim, recebi, consternado, a notícia da ressurreição da querida Marcelina. Imagino o quanto toda a família sente a falta dessa companheira que viveu de modo exemplar às exigências do evangelho: a luta pela justiça, pela liberdade e por uma sociedade igualitária e fraterna. Recordo com alegria a acolhida que dela recebi, quando aí estive mais de uma vez. E na fé guardo a certeza de que, tendo vivido no amor, agora ela desfruta da plenitude do amor que é a promessa do Senhor. Resta-nos sermos fiéis à herança que ela nos deixa: o testemunho militante de luta pela esperança dos oprimidos. Possa este Natal ser, para a toda a família, o renascer nos ideais de Marcelina. Muita paz e amizade. Frei Beto”.

No verso desta mensagem recebida, que é um cartão personalizado, diz assim: “Ainda que ventos impetuosos me façam naufragar, nada evitará que os tripulantes do barco ancorem no porto seguro de uma pátria livre e soberana, de um tempo de justiça e paz. Na casa do Pai resta-me a gratificante certeza de que assumi a vida como fruta madura ofertada aos que a querem em abundância. Frei Beto.”

Tive muita dificuldade de falar de minha história. Tive, inclusive, a crítica construtiva do Olivier Negri Filho. Mas isso tudo passou.

A fé cristã sempre foi um dos pilares da minha vida. E foi com essa fé que eu tive forças para resistir, para ter forças, em 2011 com a perda de minha filha – Cátia de Oliveira Lobo – aos 38 anos de idade.

Essa fé em Deus, eu vejo contida também no livro do Frei Beto, que diz assim: “A sugestão de celebrarmos missa no cárcere animara os presos políticos, inclusive os marxistas ateus. Tratando-se de liturgias, esses companheiros demonstravam aberto espírito ecumênico. Nunca se opuseram às celebrações, embora destituídos da fé capaz de aprender com o conteúdo da realidade sacramental. A celebração da missa nos subterrâneos do DOPS quebraria o espesso clima de atrocidades e permitiria, mais uma vez, a tentativa de recuperação de nosso espaço vital. Para a maioria dos companheiros a missa interessava enquanto rito capaz de simbolizar e exprimir a nossa unidade mais radical, nos limites do sofrimento e na esperança libertadora que consumia nossas vidas ali dentro. Nesse sentido, a eucaristia – memória atualizadora da paixão e da ressurreição do Senhor – teria lugar privilegiado naquele calabouço, sem o risco de objetiva profanação que ela corre em igrejas frequentadas pelos ricos senhores da terra. Ainda hoje que aos domingos comungam o corpo de Jesus e durante a semana esmagam aqueles com quem o Senhor mais se identifica.

Era a primeira vez que participávamos de uma celebração na qual predominavam comunistas. Do lado de dentro dessas grades encontravam-se comunistas e cristãos.

O que há de comum entre nós?

O que havia de comum comigo e com meu pai?



CÂMARA MUNICIPAL DE MAUÁ S.P.

A fé em Deus. O amor a Deus.

O mesmo amor à libertação do nosso povo. Não foi em torno de bancas universitárias dispostos a discutir questões teóricas que nos encontramos. Foi a luta que nos aproximou, traçando a linha divisória entre os que defendem os interesses da burguesia e os que assumem as aspirações do proletariado.

Era o meu sonho e o sonho do meu querido pai.

Meu pai sempre foi operário e viveu intensamente a sua condição de operário. Viveu exemplarmente o Evangelho no que se refere à luta com a classe operária, de todas as suas formas e condições, na luta com o povo, para o povo, no amor incondicional ao próximo.

Na história e pela história, Deus revela-se a seu povo e o convoca a construir um futuro de justiça e liberdade.

Esta foi a condição de vida da minha vida com meu querido pai. Respeito e amor pelo próximo.

A dor física, o pânico psíquico e o medo desencadeiam no prisioneiro, o instinto de sobrevivência, sob ameaça de levá-lo a dizer ou assinar o que querem os seus carrascos. Troca-se a dignidade pela preservação da vida. Nesse momento a escolha é crucial entre ceder à ânsia de sobreviver ou aceitar a dor e a morte por fidelidade aos princípios assumidos.

Na OBAN, os militares procuravam quebrar as resistências de todos os presos. O medo de sofrer novamente as mesmas dores era, por vezes, mais pavoroso que as próprias dores. Por isso a percepção, na fé, da presença de Deus em nossas vidas, que tanto encorajava os primeiros grandes mártires.

Voltaram as perguntas. Bateram em minhas mãos, nas mãos de meu pai. Ficavam roxas a ponto de não poder fechá-las.

E a seguir, chega o Capitão Albernaz.

Qual preso político que não conheceu o Capitão Albernaz?

Conhecidíssimo por todos pelas atrocidades que cometeu em todos que por lá passaram, inclusive comigo e com meu pai. E não seria diferente.

Vínhamos da célula da APE em Mauá, célula de base 22, com ligações fortíssimas com a Igreja Católica, com a Igreja Progressista, haja vista o número de padres, frades, que foram presos e torturados.

Ligações com Betinho, com sua primeira esposa, e outros. Era um peso imensurável para os militares a nossa vinculação com a direção da APE, no ABCD, em nossa cidade de Mauá, especificamente no Jardim Zaíra.

E preciso dizer que o que aconteceu comigo e com o meu pai não é exceção, é regra.



**CÂMARA MUNICIPAL DE MAUÁ
S.P.**

Raros os presos políticos brasileiros não sofreram torturas.

Muitos morreram na sala de torturas, outros ficaram surdos, ou quase, como nosso querido e particular amigo, Getúlio Miguel de Souza, que está aqui, membro da APE em nossa cidade, que teve os tímpanos perfurados e que até hoje aguarda o julgamento de seu processo. E como sofreu esse amigo. Somente ele poderá dizer, pessoalmente, a todos vocês.

Eu quero agradecer

Acho que já me estendi.

Eu queria só ler uma frase também que eu achei interessante:

“A tortura é uma coisa de tal modo horrível, que é melhor não falar dela”.

Isso foram palavras do magistrado Dr. Nelson Guimarães, quando convocou Frei Tito de Alencar Lima, amigo dominicano de Frei Beto, a prestar depoimentos no Tribunal Militar.

É isso.

Falar de tortura é algo horrível.

Agradeço a atenção de vocês.

Obrigada por me emprestarem os seus ouvidos.

(Aplausos)

O SR. PRESIDENTE, WAGNER RUBINELLI – Quero agradecer e quero agora que a Natália, junto com o Vereador Edgard Grecco, entreguem o buquê como uma singela homenagem à Júlia.

Quero agora convidar também para prestar o seu depoimento, uma pessoa que representa muito para a cidade de Mauá, tanto do ponto de vista de estar enfileirado com as forças democráticas no combate à ditadura militar, mas também no sentido de estar dando um apoio espiritual, um apoio religioso às pessoas.

Quero convidar o Padre José Mahon, que tem uma história linda aqui na nossa cidade.

O Padre José Mahon, que não só viveu esta época, senhores e senhoras, mas foi duramente perseguido pela ditadura militar.

O Padre vai também, de forma resumida, em 20 minutos, contar um pouco desta história triste, mas que ele viveu aqui em Mauá, em prol da democracia.

Com a palavra o Padre José Mahon.

O SR. PADRE, JOSÉ MAHON – Bom, gente, boa noite, eu não gostaria de repetir o que já foi falado.



CÂMARA MUNICIPAL DE MAUÁ S.P.

Dizer de alguns acontecimentos que eu vivi.

Para começar: Jânio Quadros tinha sido eleito em 1960.

Em agosto de 1961 ele renunciou e o João Goulart assumiu.

Eu cheguei no Brasil, da França para Santo André, no dia 01 de dezembro de 1961 e uma semana depois, no dia 08 de dezembro, que naquela época era feriado em todo Brasil, o João Goulart veio fazer um comício em Santo André, na Praça do Carmo, ao lado de Dom Jorge Marcos de Oliveira e foi neste dia que eu conheci o Presidente da República.

Era um homem de esquerda que queria ajudar o povo.

No dia 13 de março de 1964, o João Goulart assinou o Decreto do primeiro passo para a Reforma Agrária no Brasil, coisa que era tão necessária.

Ele assinou praticamente o Decreto da morte dele, porque a partir daquele momento, o exército com as autoridades mais ricas da nação decidiram acabar com ele.

Eles inventaram, para enganar o povo, essas marchas da “família com Deus pela liberdade”, querendo atrair a favor deles, o povo religioso do Brasil.

Essas marchas não tinham nada de família, nada de Deus e nada de liberdade.

O bispo de Santo André, Dom Jorge Marcos de Oliveira, falou: “Não aceito essas marchas na diocese”. E não tiveram.

Naquela época, eu estava na Paróquia de Santa Teresinha em Santo André. E no dia 01 de abril de 1964, foi o dia da Revolução.

O povo não sabia nada, não tinham notícias nos jornais, não tinham notícias na televisão e no rádio tinha música militar o dia inteiro, sem nunca dar alguma notícia.

E o povo estava meio perdido, não sabendo o que estava acontecendo.

Nós soubemos depois, quando começou o Castelo Branco como o Presidente da República designado pelo exército.

Aí realmente eu tive muito apoio de Dom Jorge. Teve um grupo de padres e de pessoas que reagiram.

Eu lembro que em 1965, Dom Jorge escreveu uma carta aberta ao Presidente Castelo Branco. Essa carta foi publicada nos jornais. Logo depois houve a censura, os jornais não podiam publicar nada e deviam deixar em branco tudo que tinha sido censurado.

Nessa época, várias vezes nós tivemos – éramos 02 Padres franceses naquela época – tivemos que esconder pessoas na casa paroquial.

Chegavam pessoas conhecidas dizendo que tinha uma pessoa procurada pelo DOPS, pela polícia política e a gente a escondia.



CÂMARA MUNICIPAL DE MAUÁ S.P.

Era arriscado, porque às vezes eram tentativas de armadilhas, mas nós tínhamos combinado que quando alguém mandava uma pessoa para esconder, sempre tinha que ter um papel assinado. E quando não tinha o papel assinado, era sinal que era uma armadilha para nos prenderem.

Aconteceu isso muitas vezes.

No dia 01 de maio de 1968, o Geraldo Vandré veio na Igreja de Santa Teresinha dar um show, onde ele denunciava a ditadura militar.

Em 1971 cheguei a Mauá para começar uma comunidade no Parque das Américas e ajudar também no Jardim Zaíra.

As prisões dos jovens e dos adultos do Zaíra já tinham sido realizadas.

O Padre Praxedes tinha um grupo jovem muito dinâmico, muito consciente e esse grupo jovem... O Junior fazia parte, o (*inaudível*) também, que foi preso e torturado.

Aí, quando eu cheguei, nos organizamos para ajudar as famílias, porque as famílias não tinham mais salários, tinham que tentar visitar os presos, então, a paróquia reuniu mantimentos para ajudar as famílias.

Depois, continuou uma resistência difícil.

No vídeo que nós vimos agora, dava a impressão que o povo se reunia em massa contra a ditadura, mas, na realidade, algumas vezes, na maior parte das vezes, o pessoal tinha muito medo, porque eles prendiam.

Então, o que nós fazíamos?

Nós tínhamos... Naquela época não tinha gráfica, não tinha computador, não tinha nada disso. Nós tínhamos uma velha Gestetner que servia para imprimir alguns folhetos que nós íamos distribuir à noite nas casas. E depois, estes folhetos – alguns chegavam nas mãos da polícia política, que tentava descobrir de onde vinham.

Na igreja do Jardim Zaíra, por exemplo, várias vezes a polícia política vinha à paisana para gravar no gravador a homilia do Padre, para ver se tinha alguma coisa contra a ditadura.

Só que a gente reconhecia esse pessoal que vinha para gravar, então, na última hora dava para mudar completamente o que nós íamos falar, para poder evitar que fossem gravadas coisas que podiam nos prejudicar.

E assim continuou esse tempo da ditadura.

Eu queria, para finalizar, contar um fato que me impressionou muito, até hoje. Foi no dia 02 de novembro de 1973.

Por que eu lembro do dia?

Porque 02 de novembro é Dia de Finados.

O pessoal da comunidade e de outras comunidades tinha decidido a fazer um panfleto para denunciar o que a ditadura estava fazendo



**CÂMARA MUNICIPAL DE MAUÁ
S.P.**

e distribuir na porta dos cemitérios, porque em 02 de novembro todo mundo vai ao cemitério. E fizeram.

Por voltas das 05 horas da tarde alguém vem para dizer para mim: “Olha, o Marinho...” – que era um jovem da comunidade de 17 anos – “O Marinho foi preso”.

A polícia levou ele.

E o pior é que ele estava sem documentos.

Aí, a família, realmente apavorada, veio falar comigo.

Eu falei: “Olha, vocês me dão os documentos dele, eu vou descer até a polícia para entregar os documentos”.

Aí, quando eu estava descendo – não tinha carro naquela época – quando eu estava descendo, alguém vem avisar que um amigo nosso menos conhecido, que se chamava Expedito, ele tinha sido também preso na porta do cemitério da Vila Vitória.

Aí eu cheguei na polícia, na Avenida Capitão João e perguntei para entregar os documentos ao Marinho.

Eles respondem para mim: “Não, ele já foi levado para o DOPS em São Paulo”.

Aí realmente eu pensei: e agora?

Com os documentos dele na mão, ir no DOPS em São Paulo... Tinha que ir.

Aí fui tomar o trem na estação. Desci na Estação da Luz.

E fui no prédio do DOPS que ficava há uns 300 metros.

Posso dizer para vocês, que de Mauá até São Paulo, eu fiquei rezando. Eu ia entrar no prédio do DOPS, sabendo que tinha o Marinho e o Expedito que estavam lá presos.

E o que eles iam fazer com eles?

Aí eu cheguei. Fui recebido na entrada por um policial, então, eu expliquei o caso.

Aí o policial falou: “Pode esperar?”.

Subiu a escada e foi avisar o chefe.

Aí ele desceu e falou: “Pode subir”.

Subi.

Cheguei lá numa sala e tinha um policial sentado.

Expliquei.

Não sei como que eu expliquei.

Acho que falei que era um rapaz jovem, que talvez ele não soubesse o que estava distribuindo, que ele estava sem documentos... Falei... Quando terminei de falar, o chefe do DOPS fala: “Eu vou soltar o Marinho”. “Eu vou soltar o Marinho...”.

Aí eu criei coragem, falei para ele: “Senhor, tem um outro. Tem o Expedito”.



**CÂMARA MUNICIPAL DE MAUÁ
S.P.**

Aí ele falou para mim: “O senhor conhece o Expedito?”.
Eu o conhecia muito pouco, tinha visto ele umas duas ou três vezes.

Eu falei: “Conheço”.
“Então vem comigo”.

Aí nós entramos numa sala grande, tinha um balcão e tinha um rapaz sentado, mas escondia o rosto com as mãos e estava curvado.

Aí cheguei perto dele e falei: “Expedito”.

Ele nem levantou a cabeça.

“Expedito, eu sou o Padre José Mahon, vim aqui para te ajudar”.

Nada.

Parecia anestesiado.

Falei uma terceira vez: “Expedito!”

Aí entra o chefe da polícia e fala: “É ele o seu amigo?”

Falei: “É”.

Não sabia. Não sabia.

Ele falou: “Então eu vou soltar ele também”.

Gente, os dois!

Aí tivemos que ajudar o Expedito a andar. Ele não andava.

Descemos a escada, o Marinho tava embaixo.

Peguei ele de um lado, ele do outro.

Nós fomos até a Estação da Luz para voltar para Mauá.

Quando chegamos na estação de Utinga, o Expedito começou a abrir os olhos: “Onde eu estou? O que aconteceu?”.

Aí explicamos.

Olha, eles tinham feito alguma coisa para deixar ele anestesiado, paralisado, eu não sei o quê.

Aí ele começou a perceber que ele estava no trem voltando para Mauá.

Chegamos a Mauá e foi a grande festa.

Esse dia eu nunca vou esquecer.

Acho que saber disso ajuda a perceber o ambiente onde o povo estava vivendo na época da ditadura.

É isso que eu queria falar para vocês.

Obrigado.

(Aplausos)



**CÂMARA MUNICIPAL DE MAUÁ
S.P.**

O SR. PRESIDENTE – Nós é que agradecemos, Padre José Mahon.

Com certeza Mauá tem um débito muito grande com o senhor, de gratidão.

Agora eu quero chamar para depor o amigo, sempre Vereador, sociólogo, e também herói, que combateu aí a ditadura militar e lutou muito pela democracia aqui em nosso país.

Quero chamar o Olivier Negri Filho para fazer parte da Mesa.

Fique à vontade, Olivier, pode usar tanto a Tribuna, quanto a Mesa.

O Sr. OLIVIER NEGRI FILHO – Boa noite a todas e a todos.

Através do Vereador Wagner Rubinelli e do Vereador Edgard Grecco, quero cumprimentar as autoridades presentes, os companheiros e as companheiras que estão prestigiando este ato que eu acho muito importante para a memória do nosso país.

Eu vou procurar ser breve, eu gosto de falar muito, acho que é mania de sociólogo, diretor de escola, professor tem mania de falar muito, mas vou procurar ser bem breve.

Bom pessoal, vou começar pelo início: minha família mudou para Mauá em 58, lá no Jardim Zaíra, o bairro não dispunha de nenhuma infraestrutura, não tinha água, não tinha iluminação nas casas, absolutamente nenhuma infraestrutura.

A cidade ainda era uma cidade nova, muito recente e enfim, não tinha um hospital, um Posto de Saúde, nada e logo que minha família mudou lá para o Jardim Zaíra, como minha mãe tinha sido enfermeira no interior, lá em Mococa, a cidade de onde eu vim, ela acabou aplicando injeção em um, tirando a temperatura de outro, enfim, quebrando o galho das pessoas que moravam lá, que como nós, éramos migrantes, pessoas que vieram de Minas, do norte do Brasil e do interior do Estado de São Paulo e também alguns imigrantes.

Lá tinham famílias de italianos, espanhóis, enfim, pessoas que vieram para a região do ABC, porque aqui havia iniciado processo de industrialização por conta das indústrias automobilísticas e, portanto, eles estavam querendo buscar aqui melhores condições de vida assim como nós.

Só que assim, quando chegamos aqui, minha família teve um choque muito grande, assim como as demais famílias que moravam lá, porque se lá onde a gente morava tinha dificuldade, aqui a dificuldade era multiplicada por 10, porque não tinha transporte, você tinha que andar a pé



CÂMARA MUNICIPAL DE MAUÁ S.P.

mais de quilômetros para poder chegar nas casas, não tinha luz, não tinha água, tinha que tirar água do poço, enfim, uma desgraça total.

Aí o pessoal foi se reunindo, se conhecendo e através da religião, principalmente o pessoal que era católico, acabou se reunindo primeiramente na capela sagrado Coração de Jesus, que era uma capelinha bem pequena, humilde, que tinha lá no bairro e o pessoal foi se conhecendo e discutimos problemas.

Aquela coisa de solidariedade cristã, fazia com que as pessoas se reunissem para ajudar a construção de uma casa, enfim, ajudar com remédio, roupa, porque vocês sabem bem, o pobre divide o pouco que tem, o rico tira o que o pobre ganhou de doação do outro, infelizmente, esta é a realidade, sempre foi assim.

Aí, durante todo aquele processo de conhecimento, iniciaram-se as primeiras lutas de reivindicação por melhorias no bairro, rapidamente o pessoal que era ligado ao Partido Comunista Brasileiro, seja a irmã do Tanassa ou o próprio compadre Jóta, seu José Joaquim de Oliveira, pai da Júlia.

Este pessoal que era ligado ao partido Comunista, a princípio tinha um pouco de dificuldade de se aproximar dos católicos por conta de uma ideologia até de um certo sectarismo que havia por parte do Partido Comunista Brasileiro na época, quando eles perceberam que a luta era comum, eles começaram a se tornar amigos e até a frequentar a igreja.

Bom, o pessoal da igreja católica reivindicou do Bispo, que era o Dom Jorge Marcos, a possibilidade de se criar uma paróquia lá no Zaíra. O Dom Jorge disse para a comissão de moradores, entre os quais, meu pai, etc, o senhor Odalino, o pessoal mais antigo do Bairro, seu Sebastião Martim, que ele até poderia criar uma paróquia lá, só que aonde o padre iria morar?

O bairro muito pobre, o povo não tinha nem o que comer, como é que ia dar de comer ao padre?

Aí meu pai falou: “Bom, em casa nós já somos muitos”. Somos em sete irmãos, mais dois adotivos, só filhos nove, mais meu pai e minha mãe, mais os tios e tias que moravam conosco, ali já era um hotel, aí o Padre Praxedes foi designado Vigário do Jardim Zaíra e ele foi morar na minha casa.

Bom, o Padre Praxedes, assim como Dom Jorge, tinham uma consciência política bastante apurada a favor do trabalhador, do pobre e oprimido, de acordo do que estava no evangelho.

Gradativamente o Padre Praxedes começou a incentivar o pessoal católico que participava da missa, etc, a estar apoiando os movimentos da sociedade amigos de bairro, enfim, os movimentos populares começaram a se organizar com mais intensidade dentro do bairro.



CÂMARA MUNICIPAL DE MAUÁ S.P.

A gente começou a discutir política, o Padre Praxedes e outras pessoas que tinham uma formação maior. Na época eu era moleque, tinha o quê? 14, 15 anos de idade. Eu com 13 anos de idade, o compadre Jóta, seu José Joaquim me deu o manifesto do Partido Comunista para eu ler e ainda levei o manifesto para eu ler, imagina e era já época da ditadura militar.

Este movimento foi se consolidando, os jovens começaram a se reunir na casa paroquial, através da equipe jovem, chamava equipe jovem, lá participava o Getúlio, o Jesomar que não está aqui, a Julia, a Isolina, enfim.

As pessoas que participavam da Congregação Mariana que havia na época e os congregados marianos, as filhas de Maria, pessoal da liga de Jesus, Maria e José, que eram organizações religiosas dentro da paróquia, começaram a participar da equipe jovem, a gente se reunia para dançar, etc e etc, e também para falar de política.

Em um dado momento, começaram a se organizar no ABC, o primeiro de maio de 1968 e a minha casa, por ser casa paroquial, na época, os padres sempre freqüentaram a minha casa, da diocese inteira até o Bispo chegou a ir lá várias vezes, porque tinha reunião dos padres, o Bispo tinha que vir e era lá em casa.

Aí o meu pai foi tomando contato com o pessoal da JOC, da Ação Católica e foram articulando através do pessoal de oposição sindical, os sindicatos estavam todos com interventores, portanto, tinha oposição sindical, Zé Nanci, lá de Santo André, o pessoal que era ligado aos movimentos operários e também às igrejas.

Não era só igreja católica que despontava nesta luta, algumas igrejas protestantes tradicionais, como a Luterana, Metodista, a Presbiteriana, a Anglicana que é Presbiteriana, também tinham segmentos deles que apoiavam movimentos pela democratização, pela luta, não era só a igreja católica, agora, a igreja católica por ser a maioria tinha uma força maior.

Bom, aí foi feito um trabalho de organização para primeiro de maio de 68, no qual a gente participou, eu era moleque tinha 17 anos de idade, 16 para 17, minhas irmãs tinham 15 anos de idade.

Em Santo André, na paróquia da Vila Palmares, Padre Rubens, com mais outro grupo muito grande de gente, organizou também este movimento. Resultado: fomos todos para o primeiro de maio de 68, com faixas abaixo a ditadura etc, tudo de trem, na época nem tinha carro, não tinha nem telefone quanto mais carro, não tinha nem luz nas casas.

Bom, resultado: depois do primeiro de maio de 68, que todo mundo de uma maneira geral sabe o que aconteceu, baixou o ato institucional número 5, recrudescceu a perseguição às pessoas que eram



CÂMARA MUNICIPAL DE MAUÁ S.P.

contra a ditadura militar, mas em vez de a gente apagar o facho, como diz o outro, nós nos aproximamos mais do pessoal que era ligado à ação popular.

A ação popular era um partido que surgiu dentro da igreja católica, através do movimento de ação católica, JOC, ACO, etc., enfim, aí resultado, veio Cido Faria, de Santo André, que era APE, veio o Betinho, logo depois Betinho veio e ficou, o Betinho tinha que morar em algum lugar. Ele tinha hemofilia, ele tinha um problema de saúde sério e minha mãe por ser enfermeira, meu pai acabou acolhendo Betinho para morar na nossa casa, porque qualquer problema, ele estava com os documentos falsos, o nome dele era Francisco de Carvalho, na época, era um nome frio, com este nome inclusive, com os documentos falsos é que ele foi contratado para trabalhar na Porcelana Schmidt.

Ele só foi contratado para trabalhar na Porcelana Schmidt, porque o chefe do Departamento Pessoal lá, era um cara ligado ao Partido Comunista Brasileiro, que era o senhor Nelson de Genaro, que atualmente não mora em Mauá, ele não precisou de fazer exame médico, pois se tivesse que fazer exame não passava, é lógico.

Bom, com a vinda do Betinho e do pessoal da APE, nós acabamos nos afiliando ou associando a Ação Popular e formamos as células de base, várias células que eram os militantes, depois tinham os simpatizantes e os aliados.

Esta atuação da APE em Mauá e também na Vila Assis e em alguns outros bairros, mas o mais forte era no Jardim Zaíra, consistia em fazer um movimento de denúncia contra a ditadura.

Nós fazíamos comícios relâmpagos, fazíamos palestras nas datas que se comemoravam, por exemplo, Independência do Brasil. Então nas casas de alguns aliados, que normalmente era gente ligada à igreja, com certeza absoluta, a gente reunia um grupo de pessoas e ia um palestrante lá e discutia, que tipo de independência nós temos? Se nós temos dependência econômica dos Estados Unidos.

Enfim, era feito um proselitismo político de conscientização política da massa, da população do bairro, isso além dos comícios relâmpagos que a gente fazia, subia em cima de um caixote de tomate e metia o pau.

Aí tinha o grupo de autodefesa, que era um pessoal que treinava capoeira, etc., do qual o Getúlio fazia parte, o Getúlio era moleque, eu tinha 17, eu era 02 anos mais novo que eu, imagina minha cabeça, eu tinha 15 anos, Jesomar e outros mais, o Luís, o Sabiá, o Sebastião, enfim, tinha um grupo de homens que fazia o grupo de autodefesa, enfim, o Raimundo, com certeza.

Gente, foi assim uma militância muito intensa, a gente participava, eu a Júlia, o Gil, participávamos da UBES - União Brasileira de



CÂMARA MUNICIPAL DE MAUÁ S.P.

Estudantes Secundaristas também e tinha a participação nossa da associação de moradores, além da atuação na igreja.

Bom, em 1970 nós tivemos uma notícia de que, provavelmente, nós havíamos sido denunciados e que iria ser preso um grande de número de pessoas em Mauá.

E aí muitos de nossos amigos, todos foram aconselhados, quem era militante do Partido a se mudarem de Mauá, ir para Santo André e outras regiões do ABC. E alguns resistiram a mudança, por quê?

Porque sabia que a família ia ficar aqui e iria sofrer a consequência, com certeza.

Eu fui um dos que ficou, a Júlia foi outra que ficou também, seu Joaquim, enfim, o Jair Zoanon também, a Izolina, enfim, várias pessoas permaneceram morando nos mesmos lugares.

Porque não tinha para aonde se esconder, como é que meu pai ia se esconder com 09 filhos, o filho mais velho com 17 anos? E o seu Joaquim, ia se esconder aonde? Então ficamos aqui e *aí* eu fui preso dia 16 de dezembro.

Dia 16 de dezembro eu estava estudando lá que tinha uma prova de física e os caras me mandaram *me* chamar na junta militar aqui em Mauá, dizendo que eu ia ter que fazer um discurso e juramento da bandeira.

Reparem bem vocês. Eu peguei uma bicicleta velha, eu estava estudando com o professor Gabriel que é um amigo nosso lá do bairro, e de chinelo e vim aqui para a junta, que funcionava ali perto da estação.

Cheguei lá e seu Antônio, seu Antônio era amigo do meu pai, porque ele era Congregado Mariano aqui da Matriz, ele era o chefe da junta e tinha o Carlos que é meu amigo até hoje, que era um garoto na época e ajudava o seu Antônio, seu Antônio falou: “Olivier” – quando ele falou Olivier um cara já me grudou: “Oh companheiro! Estou aqui, porque caiu os nossos companheiros nossos em São Paulo” – Quando ele veio com esta conversa, pensei: “Tô ferrado, já sei o que vai acontecer”.

Aí, eles me raptaram, me jogaram dentro de um fusca e me levaram para uma chácara, aqui, depois identifiquei o local tudo direitinho. O dono da chácara nem sabia que eu tinha sido torturado lá, mas depois eu contei para ele.

Eu fui levado para esta chácara e fizeram roleta russa, levei uns petelecos, apanhei que só um desgraçado, me fizeram ficar nu, não queria tirar a roupa de medo, os caras me arrancaram a roupa na marra, para humilhar e tal. E aí quando fizeram roleta russa eu fiquei bastante apavorado, mas eu imaginei se eu não confirmei nada do que me perguntaram vão me matar, só não vão me matar se eu confirmar alguma coisa, foi o raciocínio que eu tomei.



CÂMARA MUNICIPAL DE MAUÁ S.P.

E assim, de medo mesmo, eu tranquei a boca e não falei nada, mas eles perguntavam: “Conhecem fulano de tal?”. E eu dizia que conhecia, não podia negar e aí perguntaram: “Conhece o Manoel?” – “Ah, o seu Manoel português?” – “Manoel, deixa de ser idiota” – “Quer dizer que o seu Joaquim não é o seu Manoel?” - “Não, o seu Joaquim é seu Joaquim, seu Manoel é seu Manoel”.

Então dei uma de retardado, porque eles queriam nome quente e o nome frio, seu eu confirmasse significava que a denúncia que eles tinham era verdadeira. Eu apanhei *pra caramba*.

Aí nisso entrou um rapaz chamado Josimar, na época ele era cobrador de ônibus, amigo nosso, participava lá da comunidade, mas não era o Jesomar e eles estavam atrás de Jesomar.

Quando o rapaz entrou embaixo de peteleco, porque ele era muito grandão, alto assim, até a família dele é vizinho da Júlia até hoje.

Aí, resultado, o cara me viu: “Olivierzinho, fala para eles que eu não sou o Jesomar, que eu sou o Josimar, eu também participo lá do grupo de jovens”

Aí o cara já começou a contar que participava do grupo de jovens e tal e tal, aí os caras: “ah! Quer dizer que este não é o Jesomar?” - Eu falei: “Não, este não é o Jesomar, este é o Josimar”.

Beleza. Aí: “Pode botar a roupa” – Aí já meio ensanguentado, que já tinham me detonado o supercílio, não sei o que, botei a roupa e pensei – eles vão me mandar embora – me jogaram dentro do carro e me levaram para a Seccional de São Bernardo.

Quando cheguei na Seccional de São Bernardo, eu vi o horário, na hora assim, era dez para as seis, passamos por onde fica o escrivão, aí fui.

Me levaram para um quartinho, de mais ou menos uns cinco metros de comprimento, por uns dois de largura e dois metros de altura: “Tira a roupa” – aí entrou assim, uns dez caras, policial militar e civil, investigador: “Tira a roupa” – E eu: “Não tiro, não tiro!” – Os caras: “Arranca. Então não vai tirar? Então a gente arranca” – Arrancaram, rasgaram a minha camiseta, arrancaram a minha calça, eu estava de chinelo mesmo, já estava arrebetado o chinelo.

Beleza.

Aí os caras pegaram, tiraram do teto um alçapão assim, eles puxaram a madeira caíram 02 correntes, aí eles enfiaram a mão lá dentro, tiraram uns fios de eletricidade, um pedaço de toalha velha, amarraram meus pulsos, meus tornozelos, eu nu, enfiaram nas minhas pernas, de um lado para o outro, uma barra de cano de ferro, me penduraram de pau de arara, igual aqueles frangos que a gente vê para assar, daquele jeito eu fiquei.



CÂMARA MUNICIPAL DE MAUÁ S.P.

Os caras começaram a fazer perguntas e dar choques nos órgãos genitais, na boca porque é onde é mais sensível.

Tinha hora, acho que depois de, acho que uns 15, 20 minutos que para mim devia parecer mais de 03 horas, eu dava graças a Deus quando eles davam choque, porque eu tremia assim e aliviava o peso no braço.

Mas, enfim, eu fui torturado aproximadamente uma hora, porque na hora que eu saí, eu estava tão preocupado que se eu não falasse nada, eles fossem me soltar, eu estava achando que ainda ia fazer a prova de Física aqui no Viscondão, no Therezinha Sartori.

Quando eles me desceram do pau de arara, eu já não conseguia ficar de pé, nem por a calça, com muito custo eu consegui por a calça, me puseram de novo no carro e me jogaram na delegacia de policia de São Bernardo, no *corró* lá, lugarzinho que ficam só pessoal que eles pegam, bêbados, traficantes, sei lá o que e eles me colocaram no quartinho, fiquei lá o final de semana inteiro.

Na segunda feira me chamaram no gabinete do delegado, na época eram os delegados, Dr. Machado, Dr. Jefer e Dr. Augusto, os três delegados da Seccional.

E eles me botaram dentro do carro e me levaram para o Jardim Zaíra e eu todo ensangüentado, todo esbodegado, entendeu? Tinham caído obturações dos dentes, que tinha umas três na boca, caiu derreteu, caiu por causa das torturas, minha boca já não conseguia beber água, e eu estava com muita marca de tortura, e me levaram primeiro em casa para tomar banho e tudo.

Bom foi um *forfé* grande, porque a comunidade lá, a gente é muito conhecido, reuniu muita gente lá em casa, na hora o Jesomar viu que eu estava lá, se entregou puro e simplesmente e eles foram pegando o pessoal nos locais de trabalho.

O Gil trabalhava na Ibrape e prenderam o Gil na Ibrape, e foram, prendendo, prendendo, prendendo, quem eles puderam por a mão que eles acharam em casa ou acharam no trabalho eles foram prendendo, a Julia foi lá no escritório, enfim.

Aí, nós fomos levados para a Seccional do DOPS em São Bernardo. Passamos um tempo lá, fomos muito torturados, Getúlio e o Jesomar foram os que, fisicamente, foram muito torturados, tanto que os tímpanos do Getúlio estouraram de tanto telefone que deram nele.

Bateram, bateram demais, o Getúlio foi uma pessoa que teve uma força muito grande de ter agüentado tudo aquilo e não ter entregado o Chico, o Betinho, porque o Betinho se tivesse sido entregue naquele momento, tinha sido morto.

O Betinho morava em Santo André, junto com a primeira mulher dele e o filho mais velho, e ele, se fosse preso, com certeza seria



CÂMARA MUNICIPAL DE MAUÁ S.P.

morto, e o Getúlio sabia onde morava e viu ele na rua. Em uma das diligências que tinham mania de levar um de nós, ele viu na rua, virou a cara para outro lado e não reconheceu.

Então, estou dando este depoimento, isso o Getúlio pode falar melhor que eu no depoimento dele, mas que eu admiro muito a coragem que todo o nosso pessoal teve.

Eu sempre brinco que se todas as pessoas envolvidas, naquela época, com os movimentos populares fossem presas, tinha que pegar o estádio de Mauá e ainda não cabia, porque era muita gente, era muita gente envolvida.

Só que, logicamente, foram sendo presos aqueles que tinham documentos que aparecia o nome, porque na época a gente tinha assim, muita confiança. Então, tinham documentos nas casas das pessoas que tinham até nome, nome quente e nome frios das pessoas.

Então, esses aí acabaram sendo presos e a maior parte foram pessoas que tinham lá nomes nesses documentos.

Enfim, de lá da Seccional fomos até o DOPS, rapidamente, passamos por lá, e fomos para a Operação Bandeirante, onde houve novamente sessões de torturas, não só física como psicológica com todos.

Meu pai, coitado, dá dó, foi preso acho que umas 10 vezes. Eles prendiam de manhã, levava meu pai para lá, torturavam o meu pai na minha frente, fazia o meu pai me dar choque, tinha uma maquininha de choque lá. Me torturavam na frente do meu pai, torturavam o meu pai na minha frente, aí soltavam o meu pai.

Meu pai chegava em casa, vinha outra viatura e prendia o meu pai de novo e levava o meu pai para lá. Meu pai foi assim, um ping-pong e eles ameaçaram muito, porque tinha fotografias das minhas irmãs, Elizabete e Margarete que são gêmeas, com a faixa: *Abaixo a ditadura*.

Então, ameaçavam que iam pegar a minha irmã.

A Bete tinha acabado de ter bebê, que é o Almir Rogério, meu sobrinho mais velho: “Eu vou prender sua irmã também”. Minha irmã estava de resguardo ainda.

Então, apavorou muito a gente, apavorou todo mundo.

Eu fiquei preso 89 dias, não recebi visitas um dia.

De gente que não estava presa, só tive a oportunidade de ver a comadre Marcelina, uma vez no DOPS, a mãe da Júlia, foi a única pessoa de fora que vi e meu pai que saía, coitado, voltava, era torturado e ele voltava.

E aí, foi um negócio muito terrível para todos.

Eu quero dizer mais uma coisa, a gente fala de quem morreu, que é uma coisa, uma dor que você... Eu e o Gil fomos as duas primeiras pessoas que vimos o Raimundo morto, porque os caras, o JC, aquele desgraçado, que ainda não foi preso, mas nós sabemos onde o desgraçado



CÂMARA MUNICIPAL DE MAUÁ S.P.

está trabalhando como delegado ainda, me disse assim: “Oh, teu companheiro aí, o negão, ele quis ser muito machão, até o último minuto manteve a posição, mas está morto viu. Ele já foi. Agora prepara que têm vocês para cair”.

Eu perdi o chão, porque eu nem sabia que o Raimundo tinha sido preso. Eu não sabia, porque eu estava na cela e não sabia. Quando ele levantou o lençol e eu vi o rosto do Raimundo, branco como uma cera, um negão né, eu reparei a sonda do Raimundo arrancada e jogada do lado, em cima da mesa. Uma sonda, porque ele tinha sofrido uma operação, ele tinha uma sonda com um nó dado.

Eu e o Gil fomos os dois primeiros a ver.

Agora, as pessoas quando saíam de lá, nós ficamos todo este tempo preso, uns ficaram mais, outros menos, eu fiquei 89 dias e quando eu sai, a gente... Tiveram pessoas que conseguiram superar todo o trauma que passou lá dentro – nunca se supera totalmente – e outras tiveram seqüelas gravíssimas que nem se fala aqui.

Mas hoje eu faço questão de falar de uma moça que se chama Aide Yurico Oda.

A Aide, quando nós fomos presos, era a minha namorada e ela tinha... Era 01 ano mais velha do que eu. Eu tinha 18 anos e ela 19 anos e essa menina culta, bonita, inteligente...

A Julia teve a oportunidade de conviver com a Aide muito tempo. Nós estudávamos juntos no Viscondão, Therezinha Sartori. Ela adquiriu esquizofrenia paranóica por conta da tortura psicológica e etc, que ela sofreu. Hoje ela tem 63 anos de idade, eu vou fazer 62 e ela está completamente alheia do mundo. Eu vou lá visitá-la de vez em quando. Tenho muito amizade com a família. A irmã que cuida dela, a dona Tereza, é muito amiga da gente e eu tenho ido lá esporadicamente visitar.

Inclusive minha esposa, que Deus a tenha, porque faz poucos meses que faleceu, foi lá já comigo visitar a Aide, quando estava viva e as minhas filhas também estiveram lá, porque temos amizade com a família.

E ela está lá inerte, não toma um copo de água que você de para ela. Ela tem que ir lá e pegar. Ela não come um pedaço de pão, se ela não fizer o pão, porque ele tem aquela mania de perseguição.

Eu não sei se poderia estar falando, mas, por exemplo, a irmã do Getúlio, a Laide, tem um trauma, que você não pode tocar nesse assunto para ela, que ela – você entendeu? – que ela tem um *piripaque*.

A pressão que a Laide sofreu foi um negócio tão absurdo, ela era menina de tudo, menina de 14, 15 anos de idade, ela não chegou a ser presa, mas só o susto que meteram nela e na família, os traumas que todas as famílias sofreram, foi algo assim indescritível.



CÂMARA MUNICIPAL DE MAUÁ S.P.

As mães que ficaram em casa, a minha mãe, a mãe da Julia, a dona Anunciata, mãe do Getúlio, que está viva até hoje e lúcida, é uma coisa absurda, a dona Maria, mãe do Hélio, que puxa vida, o Hélio era namorado da minha irmã Margarete quando foi morto, é uma coisa indescritível.

Todo este drama pessoal, ele é importante que seja lembrado, mas o que a gente não pode perder o foco é do seguinte: isso tudo é triste, é lamentável, etc, mas, eu, particularmente, se tivesse que passar por tudo isso, eu passava sim.

Talvez a gente tivesse uma estratégia diferente, porque as coisas mudaram, a gente mudou, a gente aprendeu, mas a democracia só foi possível neste país – embora nós estamos ainda em um processo de aprendizado do que significa a palavra democracia... Mas se o que temos hoje, em termos de democracia e de liberdade, que não é aquilo que a gente quer ainda, a gente agradece a esta luta que foi travada por milhões de brasileiros.

Eu acho que todo este sofrimento tem que ser lembrado, mas a gente tem que ressaltar a importância.

Para que se chegasse às lutas dos trabalhadores, com as primeiras greves em 80, foi preciso plantar e a gente, nós pudemos, humildemente, ser aqueles primeiros semeadores nessa última fase recente da história política do Brasil.

Então, a gente ajudou a semear e eu acredito que ainda vamos colher os frutos, porque nós estamos em um processo, como eu já disse.

Eu acho que vou encerrar, porque acho que o meu tempo já deu e está um pouco tarde para que todos nós estejamos aqui.

Obrigado pela paciência.

O Sr. PRESIDENTE – Quero registrar a presença do senhor Chico Bezerra, ex-metalúrgico e Presidente do Centro de Memória de Resistência da Ditadura Militar do ABC.

Quero registrar também a presença do senhor Enéas Alves de Souza, Presidente da Orquestra de Violeiros de Mauá.

Quero, antes de fazer o encerramento formal, agradecer a cada um dos senhores, com certeza os senhores e as senhoras são cidadãos e cidadãs que fazem a diferença, que estão preocupados com a democracia e preocupados também em ter este registro histórico, que é o trabalho que estamos realizando aqui esta noite.

Quero agradecer muito o meu amigo Ricardo Zarattini, Deputado, grande amigo.



**CÂMARA MUNICIPAL DE MAUÁ
S.P.**

Quero agradecer a todos vocês, quero agradecer a Maria Julia de Oliveira Lobo, que depôs nesta noite aqui na Comissão da Verdade de Mauá, o meu amigo Olivier Negri Filho, o Padre José Mahon.

Muito obrigado a todos vocês.

Agora chegamos ao final desta audiência pública, que tratou de registrar o depoimento de munícipes que sofreram durante o período da Ditadura Militar no Brasil.

Posteriormente serão tomados outros depoimentos e todo material registrado será remetido à Comissão Nacional da Verdade, em Brasília.

Em nome dos membros da Comissão da Verdade de Mauá e de todo o Legislativo mauaense.

Agradeço a presença das autoridades, dos depoentes, e dos munícipes presentes.

Agradeço também os servidores desta Casa e demais pessoas envolvidas em prol da realização deste evento.

Obrigado.

Declaro encerrada a presente audiência pública.

ENCERRADA A AUDIÊNCIA – 22h06min.